

CAPÍTULO 4

O PAPEL DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO ENSINO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS NA INCLUSÃO E PROMOÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS ALUNOS

Andrea Lina Gomes Barbosa

Doutoranda em Ciências da Educação- Universidad Autónoma de Asunción
Professora de inglês, Pedagoga, Psicopedagoga, Mestre em Ciências da Educação
andrealinarj@gmail.com

RESUMO

O artigo aborda a importância da avaliação diagnóstica no contexto do ensino bilíngue, com foco na promoção da inclusão e participação de todos os alunos. Utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica qualitativa, descritiva e exploratória, o estudo coletou dados por meio da busca de literatura em diversas fontes, incluindo obras de referência, teses, dissertações, atas de conferências e periódicos indexados. Os principais estudiosos consultados incluem LIBÂNEO (2006), LUCKESI (2006, 2011), OLIVEIRA, MOTA e SOUSA (2022), CAST (2018), PEDROCHI e BURIASCO (2019) e SANTOS e MENDES (2021). Os resultados indicam que, com o avanço do ensino bilíngue no Brasil, um número crescente de alunos tem a oportunidade de imergir nesse novo contexto linguístico. Esse crescimento traz consigo o desafio de receber alunos com diversos níveis de proficiência linguística e buscar maneiras de promover uma atmosfera de aprendizado mais coesa e inclusiva em uma sala de aula que se torna cada vez mais heterogênea. Ao analisar o papel da avaliação diagnóstica no contexto do ensino bilíngue, conclui-se que essa prática desempenha uma função fundamental na criação de um ambiente educacional mais equitativo e acessível, onde cada aluno tem a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e linguístico.

Palavras-Chave: Avaliação diagnóstica, Inclusão, Participação.

INTRODUÇÃO

Quando falamos de inclusão, automaticamente pensamos em alunos com deficiências. Essa associação destaca a importância da inclusão de alunos com necessidades especiais como uma dimensão fundamental da educação inclusiva. A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) nos diz que cada criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem únicas, e que a escola comum deve ser capaz de adaptar-se a elas por meio de uma abordagem pedagógica

centrada na criança, capaz de atender a essas necessidades.

No entanto, é relevante salientar que o conceito de inclusão deve abranger não apenas alunos com deficiências, mas também a diversidade em geral, incluindo diferenças culturais, linguísticas, étnicas e sociais. Portanto, a inclusão deve ser compreendida de maneira mais ampla, visando a promoção da igualdade de oportunidades e o respeito à pluralidade em ambientes educacionais.

Essa é a ideia central da educação inclusiva: proporcionar oportunidades educacionais para todos os alunos, independentemente de suas diferenças ou necessidades específicas (BARBOSA, 2023). Nesse sentido, é importante ter em mente que inclusão, nada mais é que proporcionar oportunidades de aprendizagem a todos. “Inclusão envolve mudança. É um processo sem fim de aumentar a aprendizagem e participação de todos os alunos.” (BOOTH e AINSCOW, 2002, p.3).

Ainscow (2009, p.12) diz que “inclusão começa a partir da crença de que a educação é um direito humano básico e o fundamento para uma sociedade mais justa”, enfatizando que a essência da educação inclusiva vai além da inclusão de alunos com deficiência no sistema educacional, mas sim, combater a exclusão em suas diversas formas, fazendo uma análise detalhada de como as barreiras à aprendizagem e à participação podem ser reduzidas para qualquer aluno (BOOTH e AINSCOW 2002). Assim, é importante que o professor, porém não somente ele, como também toda a comunidade escolar, crie um ambiente educacional que promova a igualdade de oportunidades a todos os alunos, independentemente de quais barreiras estão sendo impostas a eles.

Enquanto educadores, precisamos munir nossos alunos com as ferramentas que os auxiliem o sucesso acadêmico. É importante ter em mente que as necessidades variam de aluno para aluno e as demandas de um aluno não são necessariamente as de outro. Sendo assim, é função do professor analisar quais são essas necessidades específicas desses alunos e encontrar meios de reduzir quaisquer barreiras que possam existir que impeçam a sua participação. Esse processo de reconhecimento das diferenças entre os alunos é o início do processo de inclusão. (BOOTH e AINSCOW, 2002)

Ainscow (1999) afirma que a tentativa de alcançar todos os alunos será afetada pela maneira como as diferenças entre eles são compreendidas. Essa percepção das necessidades de cada estudante é caminho para a real inclusão em uma sala de aula em contexto bilíngue. Ao olhar os alunos, é primordial entender que eles diferem em vivências, interesses e atitudes (AINSCOW, 1999), e entender essas nuances é o primeiro passo para promover o sucesso acadêmico de todos os alunos.

Fettes e karamouzian (2018) se fizeram a seguinte pergunta: “Se “inclusão” se refere também a outras dimensões da identidade dos estudantes, que outras formas de acomodação são apropriadas ou necessárias para assegurar o bem-estar de todos os alunos?” (2018, p. 221)

Com essa pergunta em mente, nós, enquanto educadores, devemos considerar uma variedade de acomodações, que vão desde adaptações curriculares até a criação de um ambiente que promova o bem-estar emocional e social de todos os alunos e que faça com que eles se sintam seguros, valorizados, empoderados, apoiados e confortáveis, compreendendo que é na sala de aula, tendo o professor como facilitador, que eles podem e devem arriscar, cometer erros, e principalmente, entender que esses erros são bem-vindos e fazem parte do processo de aprendizagem.

Ao pensarmos nos alunos que estudam em contexto bilíngue, ou seja, escolas que usam dois idiomas como língua de instrução, é fundamental que nos questionemos quais são as possíveis necessidades que esses alunos requerem e quais recursos podemos empregar para fomentar a participação de todos.

A inclusão deve estar no coração da escola permeando todos os aspectos da vida escolar. (AINSCOW, 2001). Ela deve ser o centro do pensamento do docente, ao elaborar o planejamento de suas aulas ou de qualquer atividade complementar, para que todos os alunos sejam protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem.

De acordo com Ainscow (2001, p.4) “a inclusão envolve a criação de uma cultura escolar que encoraja o desenvolvimento de formas de trabalho na tentativa de reduzir as barreiras para a participação do aprendiz”, ou seja, a inclusão escolar promove a construção de um ambiente que valorize e respeite as diferenças individuais, que celebre as pequenas vitórias e incentive a participação ativa de todos os alunos. Isso requer, de todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, esforços para identificar quais são essas barreiras que se desejam reduzir e disponibilizar ferramentas que possibilitem uma participação plena de todos os alunos. Promover a inclusão na educação é uma maneira de celebrar a diversidade, que, como afirmado por Costa (2018, p.10) “diz respeito à variedade, pluralidade e diferença.” Pensar a diversidade na educação significa tornar visível o que está implícito em nossas relações sociais, uma vez que vivemos em um mundo diverso.

A sociedade na qual estamos inseridos é uma sociedade diversa, fato esse que reflete diretamente em nossas salas de aula. “A escola deve valorizar a diversidade em sua prática pedagógica e levar em conta que nem todos aprendem da mesma forma e no mesmo tempo.” (COSTA, 2018, p.12). Cada aluno tem um ritmo, estilo e necessidades de aprendizagem distintos e o professor precisa pensar em estratégias que abarquem todos os alunos no ambiente escolar.

Portanto, para atender às demandas dessa comunidade diversificada em que vivemos e assegurar que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, é imprescindível que sejam desenvolvidas estratégias inclusivas no ambiente escolar. Essas estratégias não apenas promovem a equidade, mas também enriquecem a experiência educacional

de todos os estudantes, preparando-os para uma sociedade globalizada e diversa.

A promoção da inclusão na educação, seja em escolas regulares, bilíngues ou internacionais, é um compromisso fundamental para promover a igualdade de oportunidades. Em contexto bilíngue, a promoção da inclusão demanda a avaliação do nível de proficiência no idioma que o aluno se encontra e também, identificar as lacunas que precisam ser preenchidas para que a participação ativa desse aluno possa ocorrer.

Nesse contexto, precisamos de estratégias para personalizar o aprendizado, sem necessariamente criar uma lição diferente para cada um (AINSCOW, 1999), promovendo assim um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz onde aluno precisa transitar entre os dois idiomas. Desta forma, não estaremos apenas proporcionando uma experiência acadêmica rica para os alunos, estaremos também criando ambientes educacionais que capacitam a todos a alcançar seu potencial, contribuindo assim para a formação de cidadãos mais conscientes em um mundo cada vez mais globalizado e diverso.

Tornando a diversidade linguística uma força: justificativa para a investigação do papel da avaliação diagnóstica no ensino bilíngue.

A avaliação diagnóstica é uma ferramenta fundamental no processo de ensino e aprendizagem em qualquer contexto educacional. No contexto do ensino bilíngue, torna-se ainda mais relevante, uma vez que a língua é um dos pilares fundamentais dessa modalidade de ensino.

Justifica-se a relevância deste estudo pelo crescimento pela procura por instituições de ensino que oferecem programas de ensino bilíngue, o que aumentou a demanda por profissionais bilíngues no mercado de trabalho. No entanto, é necessário garantir que esses alunos estejam, de fato, adquirindo a proficiência desejada na língua-alvo, o que torna a avaliação diagnóstica uma etapa essencial desse processo.

Além disso, a avaliação diagnóstica no ensino bilíngue apresenta desafios específicos uma vez que os alunos estão em processo de aprendizagem de duas línguas simultaneamente. Dessa forma, é necessário investigar quais estratégias e práticas são mais eficazes nesse contexto e como elas podem contribuir para o desenvolvimento linguístico dos alunos. Além do aspecto prático este estudo também contribui para o avanço teórico no campo da avaliação no ensino bilíngue, uma vez que ainda há lacunas na literatura sobre o assunto.

Compreender o papel da avaliação diagnóstica nesse contexto pode auxiliar no desenvolvimento de metodologias e abordagens mais eficazes para avaliar o progresso dos alunos nessa modalidade de ensino.

Nesse cenário, a proposta deste estudo em termos de objetivo geral é analisar o papel da avaliação diagnóstica no contexto do ensino bilíngue, com foco na promoção da inclusão e participação de todos os alunos.

Pensando no modo como esse processo ocorre, na seção seguinte será apresentada a metodologia que norteou esse estudo e que tornou possível a compreensão mais aprofundada do tema.

Metodologia de revisão bibliográfica: abordagens e procedimentos na análise do papel da avaliação diagnóstica no ensino bilíngue

No que se refere ao percurso metodológico, esta pesquisa se classifica como qualitativa, descritiva e exploratória.

O enfoque qualitativo se mostra adequado, pois existe nesse estudo a busca pela compreensão da complexidade da avaliação diagnóstica no ensino bilíngue, por meio da interpretação de textos, análise de conteúdo e síntese de informações qualitativas extraídas da literatura revisada. Esse enfoque permite uma compreensão das experiências, percepções e práticas dos educadores e pesquisadores no campo do ensino bilíngue.

Dito isso, este estudo qualitativo tem o propósito de analisar a literatura existente sobre o tema, sem coleta de novos dados primários, isto é, examinar a importância e o papel da avaliação diagnóstica no processo de inclusão e promoção da participação dos alunos em contextos bilíngue. Lakatos e Marconi (2010, p.183) dizem que a finalidade da pesquisa bibliográfica é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. A revisão bibliográfica nos permitirá uma compreensão aprofundada das teorias, práticas e descobertas em um campo específico.

A natureza deste estudo é exploratória e descritiva (ALMEIDA, 2021). A natureza exploratória deste estudo reside na investigação de um tópico relativamente novo ou pouco explorado: o papel da avaliação diagnóstica no ensino bilíngue. Além disso, a natureza descritiva está presente na análise e descrição das estratégias, práticas e desafios associados à avaliação diagnóstica nesse contexto.

A coleta de dados se deu através da busca de literatura compreendendo obras de referência, teses, dissertações, atas de conferências científicas e periódicos indexados. Foram consultados materiais digitais disponíveis em plataformas reconhecidas de pesquisa online, tais como Google Acadêmico e SciELO, além de repositórios de universidades brasileiras e estrangeiras.

Para realizar uma busca eficaz de artigos sobre o tema, foram utilizados termos de busca específicos relacionados à avaliação diagnóstica em contextos bilíngues, tais como “avaliação diagnóstica”, “inclusão educacional”, “participação dos alunos”, “contexto bilíngue”, “educação bilíngue”, “ensino de línguas”, “avaliação educacional” e “métodos de avaliação”. Esses termos foram combinados de diferentes maneiras, permitindo identificar uma ampla gama de artigos relevantes para a revisão bibliográfica.

Após a busca, foi realizada a triagem dos artigos com base em critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Os critérios de inclusão incluíram artigos que abordavam a avaliação diagnóstica em contextos bilíngues e seu impacto na inclusão e participação dos alunos. Os critérios de exclusão incluíram estudos não relevantes ao tema ou que não estavam disponíveis em texto completo.

O maior desafio foi encontrar artigos que tratassem exclusivamente da avaliação diagnóstica em contexto bilíngue. Por essa razão, um novo critério de inclusão foi criado: a avaliação diagnóstica em contextos educacionais. Dessa forma, foi possível ampliar o escopo da busca para além do ensino bilíngue específico, permitindo a inclusão de estudos que abordassem a avaliação diagnóstica em ambientes escolares com diferentes configurações linguísticas. Essa ampliação facilitou a identificação de práticas, estratégias e desafios relacionados à avaliação diagnóstica que poderiam ser relevantes e aplicáveis também no contexto bilíngue, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do tema.

Após a realização de uma leitura de todo o material, excluímos informações consideradas desatualizadas, obsoletas ou inadequadas ao estudo em questão. Por fim, adentraremos na discussão sobre avaliação diagnóstica, norteados pelos estudos feitos Libâneo (2006), Luckesi (2006,2011), Oliveira; Mota; Sousa (2022), CAST (2018), Pedrochi e Buriasco (2019) e Santos e Mendes (2021).

Inclusão e participação dos alunos em contexto bilíngue

Pensar na inclusão linguística do aluno que estuda em contexto bilíngue é encontrar formas de fazer esse aluno se sentir acolhido, pertencente ao seu grupo e sujeito ativo de sua aprendizagem. Nesse contexto, antes de se pensar em qualquer estratégia, é necessário saber em qual nível de proficiência o aluno se encontra.

Em escolas que trabalham em contexto bilíngue, os alunos não são alocados de acordo com o nível, conforme acontece nas instituições que tem o objetivo de ensinar somente o idioma, e sim, de acordo com o ano escolar que se encontram. Se um aluno está no 7º ano do ensino fundamental, independentemente do nível de proficiência na língua inglesa que o aluno apresenta, o que em alguns casos pode ser nenhum, ao se transferir de uma escola regular para uma escola bilíngue ou internacional, ele será alocado no 7º ano na nova escola. Ao lidar com esse aluno, é essencial que o professor seja cuidadoso ao estabelecer expectativas realistas. Essas expectativas devem ser definidas de maneira apropriada não apenas para os alunos, mas também para os responsáveis e para o próprio educador. Isso é fundamental para evitar a desmotivação e a frustração como resultados indesejados.

Para que saibamos quais expectativas realistas que devemos estabelecer, precisamos primeiro entender em que momento do processo de aprendizado esse aluno se encontra. Sendo assim, o primeiro passo que a

escola deve dar no processo de acolhimento desse aluno novo é fazer uma avaliação diagnóstica para determinar o nível de proficiência que ele se encontra e, a partir daí, montar com os professores um plano de ação que vise promover a inclusão e a participação desse aluno.

Nessa perspectiva, a avaliação diagnóstica representa um componente essencial no processo educacional, desempenhando um papel importante na promoção da inclusão e participação dos alunos, especialmente em contextos bilíngues, onde a diversidade linguística e cultural é uma realidade presente.

Mas afinal, o que é avaliar?

O dicionário Michaelis online define avaliar como

- 1- Calcular ou determinar o valor, o preço ou o merecimento de algo;
- 2- Reconhecer a intensidade, a força de;
- 3- Apreciar o valor de algo ou alguém;
- 4- Fazer o computo de; calcular, computar, orçar;

LUCKESI (2011, p.277) define o termo como “o processo de qualificar a realidade por meio de sua descrição, com base em seus dados relevantes, e, a seguir, pela qualificação que é obtida pela comparação da realidade descrita como um critério, assumindo como qualidade desejada.”

Avaliar é um processo fundamental no contexto educacional, pois implica atribuir valor e mensurar o conhecimento adquirido pelo aluno. Nesse sentido, a avaliação desempenha um papel importante ao auxiliar os professores na definição do direcionamento subsequente do ensino. Além disso, a avaliação possibilita a formulação de um planejamento pedagógico mais direcionado e individualizado, que leve em consideração as necessidades específicas e reais dos estudantes.

No contexto bilíngue, avaliar ajuda a identificar o domínio do aluno sobre os conteúdos em ambas as línguas de instrução, bem como suas necessidades para avançar para o próximo estágio. Considerando que cada etapa do processo de ensino-aprendizagem apresenta objetivos pré-definidos, é incumbência do professor encontrar estratégias eficazes para guiar o aluno em direção a esses objetivos.

Libâneo (2006, p.195) define avaliação como “uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”, enquanto Luckesi (2014, p.168) afirma que “a prática usualmente denominada de avaliação de aprendizagem pouco tem a ver com avaliação. Ela constitui-se muito mais de provas/exames do que avaliação.” CAST (2018), quando apresenta para os leitores o desenho universal para a aprendizagem, nos mostra que os aprendizes são diferentes quando precisam mostrar o que sabe, então é indispensável que o professor, que conhece seus alunos, entenda que existem várias formas de expressão e permita que seus alunos possam

demonstrar o que sabe da forma que eles se sintam mais confortáveis e prontos.

Reconhecer a diversidade de expressão e demonstração de conhecimento por parte dos alunos é um dos aspectos da prática pedagógica. Isso envolve compreender que alguns alunos podem se comunicar de forma mais eficaz verbalmente, enquanto outros podem preferir expressar seu entendimento por meio de mídias audiovisuais, produções teatrais, questionários ou ainda pelo formato mais convencional de provas e respostas. Tal reconhecimento evidencia a sensibilidade do professor em relação à heterogeneidade existente em sua sala de aula.

Em um contexto escolar bilíngue, essa sensibilidade se torna ainda mais relevante, uma vez que os alunos podem possuir diferentes origens culturais e experiências linguísticas. Nesse sentido, adaptar o formato de avaliação para além do tradicional pode proporcionar um ambiente mais inclusivo e propício ao desenvolvimento do potencial de cada aluno, levando em conta suas particularidades e preferências individuais.

Libâneo (2006) cita que as avaliações têm funções, sendo elas pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle, conforme descrito no quadro abaixo.

Quadro 1- Funções da avaliação

Pedagógico-didática	Papel das avaliações no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar.
Diagnóstico	Permite identificar processos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor, que por sua vez determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos.
Controle	Meios e a frequência das verificações e da qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

Adaptado de Libâneo (2006) pp.196-197

Assim, as três funções da avaliação descritas por Libâneo atuam de forma interdependente, proporcionando uma visão integrada do processo educativo, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral e o sucesso acadêmico dos alunos.

Segundo Libâneo (2006), a avaliação escolar apresenta diversas características distintivas, sendo elas sua capacidade de refletir a integração entre objetivos, conteúdos e métodos de ensino, fornecendo uma visão global do processo educativo. Além disso, a avaliação possibilita a revisão contínua do plano de ensino, permitindo ajustes necessários para melhor atender às necessidades dos alunos. Ela também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das capacidades e habilidades dos estudantes, ao direcionar a atenção para as atividades por eles realizadas.

Outra característica relevante é sua objetividade, proporcionando critérios claros para a avaliação do desempenho dos alunos. Adicionalmente,

a avaliação contribui para a autopercepção do professor, permitindo uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas e o progresso dos alunos. Por fim, a avaliação escolar reflete os valores e expectativas do professor em relação aos alunos, influenciando diretamente o processo de ensino e aprendizagem.

Oliveira; Mota; Sousa (2022) dizem que os métodos de avaliação precisam ser constantemente discutidos e debatidos pois “o ato de avaliar não consiste só na quantidade ou na qualidade [...] pois a nota que um aluno tira em uma determinada avaliação não se torna mais importante do que a qualidade do conteúdo que ele conseguiu absorver.”(p.23), ou seja nem sempre a nota que o aluno tira reflete o que ele realmente aprendeu, justamente porque, conforme já citado, alunos aprendem de formas diferentes e podem demonstrar melhor o que aprendeu de formas diferentes também.

Existem três tipos diferentes de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa e cada uma tem uma função que vamos conhecer a seguir.

A avaliação diagnóstica visa detectar possíveis lacunas no aprendizado do aluno e “identificar possíveis causas ou problemas que estão impedindo que o aluno avance.” (OLIVEIRA; MOTA; SOUSA, 2022, p.24). Já a avaliação formativa acontece de forma contínua, avaliando o aluno durante o processo de ensino, pois ela tem como função pedagógica “instruir os alunos naquilo que eles precisam aprender.” (OLIVEIRA; MOTA; SOUSA, 2022, p.24) Por fim, a avaliação somativa, que é a mais conhecida e usada dos três tipos, avalia os alunos e seus níveis de aprendizagem da maneira tradicional, através de notas que classificam os alunos e definem se eles serão aprovados ou reprovados. (OLIVEIRA; MOTA; SOUSA, 2022).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9.394/96 diz que a avaliação deve ser “contínua e cumulativa do desempenho do aluno com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”, o que já mostra uma maior tendência no diagnóstico e no processo e menor no produto, isso é em notas.

Neste estudo, direcionaremos nossa atenção para a avaliação diagnóstica, pois esta possui a capacidade de identificar tanto os conhecimentos prévios, pontos fortes e fraquezas dos alunos que estão imersos em um ambiente bilíngue, quanto suas habilidades no momento da avaliação e as lacunas a serem preenchidas, seja em termos de conteúdo ou proficiência nos idiomas de instrução, sendo ela uma bússola orientadora do professor, o guiando por onde começar o processo de ensino com seus alunos.

O papel da avaliação diagnóstica na inclusão e promoção da participação do aluno bilíngue

As escolas definem seu currículo desde sua fundação e seus parâmetros norteiam o trabalho do professor em sala de aula. No Brasil, o

currículo das escolas é definido pela BNCC. Mesmo as escolas bilíngues precisam se adaptar a ela. Em razão disso, o professor sabe exatamente quais os objetivos daquela turma e quais competências seu aluno terá ao fim do ano letivo.

A questão é que quando falamos de alunos que estudam em contexto bilíngue no Brasil, estamos falando de alunos com diferentes níveis linguísticos e acadêmicos em dois idiomas. Alguns alunos falam bem a segunda língua, mas não conseguem escrever enquanto outros tem desenvolvida boa competência auditiva, porém demonstram certa dificuldade na leitura e compreensão de texto. Já alguns alunos dominam as quatro habilidades e existem alunos que não tem domínio algum.

Em uma escola de idiomas, o processo de nivelamento dos alunos é comumente conduzido por meio de uma avaliação inicial, alinhada ao Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR), que permite classificar os alunos de acordo com seu nível de proficiência.

O quadro comum europeu de referência para línguas é “um padrão internacionalmente reconhecido para descrever a proficiência em um idioma.” Ele descreve o que um falante de determinado idioma consegue falar, dependendo do nível que se encontra. Os níveis normalmente são mensurados através de provas de proficiência. Essas provas testam os indivíduos nas quatro habilidades linguísticas: falar, ler, escrever e ouvir. (Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR), [s.d.]

No entanto, no contexto das escolas bilíngues, alunos com diversos níveis de proficiência na língua adicional frequentam a mesma sala de aula, exigindo dos professores um olhar mais atento que vise atender às necessidades individuais de cada estudante e planejar sua aula de acordo com as necessidades específicas de cada aluno, buscando transmitir o conteúdo de forma que seja acessível a todos os aprendizes.

Para garantir a inclusão e participação de todos os alunos bilíngues, é necessário que os educadores realizem uma avaliação diagnóstica, antes mesmo do início das aulas. Essa avaliação permite aos professores compreender os conhecimentos prévios, habilidades linguísticas e necessidades específicas de cada aluno, informando o planejamento de aulas adaptado às suas características individuais.

Nesse sentido Pedrochi e Buriasco (2019) afirmam que:

“Em uma avaliação que olha individualmente para cada estudante, é preciso saber o que cada aluno conhece. Com essa informação, o professor pode planejar as próximas ações, os próximos conteúdos. É por meio de uma avaliação preliminar com função diagnóstica que se pode obter, pelo menos, alguns indícios do conhecimento de cada aluno acerca do conteúdo a ser ensinado, para que se possa tomar a decisão de como o professor vai abordar o assunto.” (2019, p. 373)

Esse é o objetivo principal da avaliação diagnóstica: provocar a reflexão e que leva a transformação da prática de ensino, facilitando a criação de estratégias que aproximem alunos e professores do conhecimento (Pinheiro et al.,2018). Ela orienta o educador na identificação das lacunas no aprendizado do aluno e no desenvolvimento de estratégias necessárias para auxiliá-lo a alcançar os objetivos estabelecidos para a turma ao longo do ano letivo, fazendo uso de diversas abordagens e perspectivas a fim de oferecer diferentes oportunidades de aprendizado ao aluno. (PEDROCHI e BURIASCO, 2019)

No contexto da educação bilíngue, é a avaliação diagnóstica que determinará quais conteúdos e quais competências o aluno já domina, mostrando aos professores o que ele é capaz de desenvolver dentro do idioma, e adaptar essa realidade à matéria que ele leciona.

Para a avaliação diagnóstica ser útil, será necessário compreendê-la e fazer uso de seus dados, sempre com a ideia de intervenção e não apenas de aferição ou “ranqueamento” (PINHEIRO, ABREU e REBOUÇAS,2018), ou seja, o professor, assim como toda equipe pedagógica da escola, precisa ter em mente ao fazer a avaliação, que ela não tem caráter punitivo, fato esse que deve ser esclarecido com o aluno antes da avaliação iniciar.

Pinheiro, Abreu e Rebouças, (2018) enfatizam que os dados coletados por meio da avaliação diagnóstica devem ser utilizados para elaborar um plano de ação personalizado para cada aluno, garantindo que eles sejam adequadamente apoiados em seu processo de aprendizagem. Por isso, o aluno precisa compreender que a equipe pedagógica, irá, através desses dados coletados, traçar um plano de ação e definir quais caminhos e estratégias os professores usarão em sala de aula, para que haja plena participação de todos os alunos, independente do nível linguístico que eles se encontram.

A avaliação diagnóstica precisa ser “crua”. Ou seja, não deve haver estudo ou preparação prévia por parte do aluno, pois essa ação pode gerar resultados maquiados. Considerando que em contexto bilíngue os alunos estudam matérias em inglês- matemática, ciências, estudos sociais - é importante que essa avaliação seja feita de modo multidisciplinar, isto é, o aluno precisa mostrar os conhecimentos dele em matemática tanto em português quanto em inglês para que se possa assegurar que as possíveis deficiências são no idioma e não na matéria e vice-versa. Todas essas particularidades precisam ser pensadas na hora da avaliação diagnóstica do aluno bilíngue.

Santos e Mendes (2021) afirmam que:

“conhecer os níveis de preparação dos alunos permite que o professor planeje o ensino, adequadamente, para que esteja de acordo com suas habilidades atuais, possibilitando seu avanço. Cabe destacar que os alunos podem apresentar níveis de preparação diferentes no conteúdo do currículo e isso requer ajuste entre padrão de entrega das tarefas, conteúdos, tipos de comunicação e nível de desempenho requerido para o aluno.” (2021, p. 43)

Portanto, ao estar ciente dos níveis de preparação dos alunos, o professor pode estruturar o ensino de maneira apropriada, alinhando-o com suas habilidades atuais e promovendo seu progresso. O êxito na promoção da inclusão desses alunos está intrinsecamente ligado, entre outros fatores, a uma avaliação diagnóstica precisa.

Libâneo (2006) e Oliveira; Mota; Sousa (2022) defendem que a avaliação diagnóstica deve ser realizada sempre que necessário. Adaptando essa afirmação para os fins do nosso estudo, quando ela é feita no início do processo educativo, ela se torna ainda mais importante, pois permite não apenas compreender os conhecimentos prévios dos alunos, mas também identificar suas competências linguísticas em ambientes multilíngues. Essa compreensão inicial ajuda a desenhar o plano de ação mais adequado, levando em consideração as particularidades do ensino em duas línguas.

Além disso, ao realizar avaliações diagnósticas de forma periódica, o professor no ensino bilíngue tem a oportunidade de ajustar a trajetória estabelecida conforme necessário. Isso é especialmente relevante quando o desempenho dos alunos não atende às expectativas esperadas, possibilitando intervenções pedagógicas específicas para promover o desenvolvimento tanto das habilidades linguísticas quanto do aprendizado em geral promovendo dessa forma tanto a inclusão dos alunos quanto a participação dos mesmos.

Portanto, a avaliação diagnóstica contínua desempenha um papel fundamental na eficácia do ensino bilíngue na promoção da inclusão e participação dos alunos, garantindo uma abordagem pedagógica personalizada e adaptada às necessidades individuais dos estudantes em ambientes multilíngues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço do ensino bilíngue no Brasil, um número crescente de alunos tem a oportunidade de imergir nesse novo contexto linguístico. Diariamente, educadores são desafiados a atualizar suas metodologias e abordagens, visando não apenas tornar a sala de aula mais atraente, mas também um ambiente seguro onde os alunos possam cometer erros e aprender com eles. Esse crescimento traz consigo o desafio adicional de receber alunos com diversos níveis de proficiência linguística e buscar maneiras de promover uma atmosfera de aprendizado mais coesa e inclusiva em uma sala de aula que se torna cada vez mais heterogênea.

Diante das reflexões realizadas sobre o papel da avaliação diagnóstica nesse contexto, com ênfase na promoção da inclusão e participação de todos os alunos, torna-se evidente o quão importante ela é para o processo de ensino -aprendizagem, não só para ao aluno que estuda em contexto bilíngue, mas em qualquer contexto educacional. Através de uma avaliação diagnóstica cuidadosamente planejada e implementada, os educadores podem identificar as necessidades individuais dos estudantes, incluindo suas competências linguísticas e suas particularidades de aprendizagem. Isso permite que sejam criadas estratégias de ensino mais inclusivas, garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de participar ativamente do processo educacional.

Além disso, ao realizar avaliações diagnósticas de forma contínua, os educadores têm a possibilidade de monitorar o progresso dos alunos e ajustar suas práticas pedagógicas conforme necessário, promovendo assim uma abordagem mais adaptável e sensível às necessidades individuais de cada aluno. Essa abordagem não apenas facilita a inclusão de todos os estudantes no ambiente de ensino bilíngue, mas também contribui para o desenvolvimento de uma comunidade escolar mais acolhedora.

Portanto, ao analisar o papel da avaliação diagnóstica no contexto do ensino bilíngue com o objetivo de promover a inclusão e participação de todos os alunos, podemos concluir que essa prática desempenha uma função chave na criação de um ambiente educacional mais equitativo e acessível, onde cada aluno tem a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e linguístico.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. (2001). Understanding the Development of Inclusive Schools Some notes and further reading. <https://www.oas.org/Pt/>; University of Manchester.

AINSCOW, M. (2009). Tornar a educação inclusiva: Como esta tarefa deve ser conceituada? In Tornar a educação inclusiva (pp. 11–23). Unesco. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184683>

ALMEIDA, Í. D. Metodologia do trabalho científico. Disponível em: <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/674/684/2134>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARBOSA, A. L. G. (2023). O poder da diferenciação pedagógica na promoção da inclusão comunicativa em turmas de escolas bilíngues que tem o inglês e o português como línguas de instrução. In Horizontes da produção acadêmica (pp. 135–147). Pembroke Collins.

Avaliar. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=avaliar>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BOOTH, T., & AINSCOW, M. (2002). Index for inclusion: developing learning and participation in schools. Centre For Studies On Inclusive Education.

CAST (2018). Universal Design for Learning Guidelines version 2.2. Retrieved from <http://udlguidelines.cast.org>

COSTA, M. T. (2018). Formação docente para a diversidade (2nd ed.). IESDE BRASIL S/A.

FETTES, M., & KARAMOUZIAN, F. M. (2018). Inclusion in education: Challenges for linguistic policy and research. In M. Siiner, F. M. Hult, & T. Kupisch (Eds.), Language policy and language acquisition planning. (pp. 219–235). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-75963-0%E2%82%813>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo (Sp): Editora Atlas S.A, 2010.

LEI n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado em 30 de março de 2024, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm

LIBÂNEOJ. C. Didática. São Paulo (Sp): Cortez, 2006.

LUCKESI, C. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1421320/mod_resource/content/1/O_ato_de_avaliar_a_aprendizagem_Luckesi.pdf>.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. 19. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

OLIVEIRA, R. G. DE; MOTA, A. A.; SOUSA, J. A. DE. Avaliação educacional - uma breve análise das modalidades: diagnóstica, formativa e somativa. Cadernos da Pedagogia, v. 16, n. 34, p. 21–28, 2022.

Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR). Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr?utm_term=&utm_campaign=exams-adults-ielts-ame-br-destinations-cpc-mid-google-pmax&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=9800219522&hsa_cam=20467229758&hsa_grp=&hsa_ad=&hsa_src=x&hsa_tgt=&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwzZmwBhD8ARIsAH4v1gXzVQgXnxhKUtnxwDtD5cWFy4zzRPPBTO9NdZrBEmfV8YsChp0HMoMaAuN8EALw_wcB>. Acesso em: 30 mar. 2024.

PEDROCHI, O., & BURIASCO, R. L. C. de. (2019). A Avaliação como Fio Condutor da Prática Pedagógica. Revista de Ensino, Educação E Ciências Humanas, 20(4), 370–377. <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2019v20n4p370-377>

PINHEIRO, D., ABREU, J., & REBOUÇAS, S. (2018). A importância da avaliação diagnóstica no projeto de nivelamento matemático com discentes do ensino médio integrado. Editora Realize. https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_E_V117_MD1_SA13_ID1179_17092018235053.pdf

SANTOS, K. da S., & MENDES, E. G. (2021). Ensinar a todos e a cada um em escolas inclusivas: a abordagem do ensino diferenciado. Revista Teias, 22(66), pp.40-50. <https://doi.org/10.12957/teias.2021.57138>

O papel da avaliação diagnóstica no ensino bilíngue: estratégias e práticas na inclusão e promoção da participação de todos os alunos

Unesco. (1994). Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>